

**UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE - UNESC  
CURSO DE ARTES VISUAIS - LICENCIATURA**

**CAMILA FLORENTINO NUNES**

**(DES)CONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: INQUIETUDES SOBRE O ENSINO DE  
ARTE MODELADOR NOS ANOS INICIAIS**

**CRICIÚMA**

**2019**

**CAMILA FLORENTINO NUNES**

**(DES)CONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: INQUIETUDES SOBRE O ENSINO DE  
ARTE MODELADOR NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado para obtenção do grau de Licenciada no curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC.

Orientadora: Profª Ma. Izabel Cristina Marcilio Duarte.

**CRICIÚMA**

**2019**

**CAMILA FLORENTINO NUNES**

**(DES)CONSTRUINDO ESTEREÓTIPOS: INQUIETUDES SOBRE O ENSINO DE  
ARTE MODELADOR NOS ANOS INICIAIS**

Trabalho de Conclusão de Curso aprovado pela Banca Examinadora para obtenção do Grau de Licenciada, no Curso de Artes Visuais da Universidade do Extremo Sul Catarinense, UNESC, com Linha de Pesquisa em Educação e Arte.

Criciúma, 27 de novembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof<sup>a</sup>. Ma. Izabel Cristina Marcílio Duarte – Mestre em Educação – (UNESC) –  
Orientadora

Prof<sup>a</sup> Ma. Gislene dos Santos Sala – Mestre em Educação – (UNESC)

Prof<sup>a</sup> Ma. Silemar Maria Medeiros da Silva – Mestre em Educação e Cultura –  
(UNESC)

**Dedico esta pesquisa à minha família, ao meu noivo, amigos, colegas do curso e de trabalho, aos professores, e especialmente à minha orientadora Izabel Duarte (Bel).**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus primeiramente, por ter me dado força e sabedoria para enfrentar os obstáculos que durante todo o curso enfrentei, sem falar nessa última etapa que passei por momentos difíceis, pensei até por um momento desistir, mas coloquei nas mãos de Deus, e graças a ele, estou aqui.

Agradeço minha família, ao meu pai Sérgio que me ajudou muito quando foi para correr atrás dos documentos para entrar na universidade. A minha mãe que, sempre me esperou chegar em casa a noite e sempre me deu força para o estudo e aos meus irmãos. Ao meu noivo, que sempre me acompanhou na minha trajetória acadêmica, foi prestativo referente aos meus estudos para provas, estágios e trabalhos, e principalmente para o trabalho de conclusão do curso. Agradeço a minha amiga Andreza (Desa), que sempre me apoiou, me deu força para não desistir, a Ana Beatriz (Ana), que foi minha companheira de estudo, porém o destino nos afastou do curso, mas nunca deixamos de conversar, saber uma da outra, e desejo muito sucesso a essa pessoa guerreira que és. Aos colegas e funcionários (Eliane, Franciele e a Rosi) do curso, aos amigos de trabalho, aos professores grandes mestres que durante esses quatro anos ampliaram meu repertório aos estudos.

Agradeço imensamente a minha orientadora Izabel Duarte (Bel), pela paciência e dedicação, pois passei por momentos difíceis, pensei até em desistir, mas me deu muita força para continuar, e graças a você Bel e todas as pessoas que estão sempre comigo, que estou aqui escrevendo está dedicatória.

**“A imaginação é certamente uma faculdade que devemos desenvolver, e só ela nos pode levar à criação de uma natureza mais exaltadora e consoladora do que o rápido olhar para a realidade [...] nos deixa perceber.”**

**V. Van Gogh**

## RESUMO

A pesquisa aqui presente é consequência do Trabalho de Conclusão de Curso da acadêmica e se insere na linha de Educação e Arte do Curso de Artes Visuais – Licenciatura, tendo como tema: **(Des)Construindo Estereótipos: Inquietudes Sobre o Ensino de Arte Modelador nos anos Iniciais**. Apresentando como objetivo geral investigar os estereótipos encontrados em sala de aula nas séries iniciais do Ensino Fundamental e de que forma interferem na criação artística das crianças. E como específicos: Identificar os estereótipos presente na sala de aula, e perceber se há presença de cópias, releituras e desenhos prontos nas aulas de artes; Pesquisar metodologias de Artes, que propõem desconstruir esse pensamento estereotipado nas aulas; Perceber como é o processo de criação das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental. A estrutura da pesquisa consiste em oito capítulos, ao qual se tem como estudos teóricos, escritas de autores como, Almeida (2004), Buoro (2002 e 2003), Cunha (2014), Fallgater (2001), Ferreira e Silvia (2004), Gill (1996), Gonçalves e Dias (2010), Hernández (2007 e 2014), Passos e Barros (2015), Lippmann (2008), Parsons (2005), Pillotto e Mognol (2015), Melo (2001), Santaella (2001), Tatit e Machado (2003), documentos norteadores como a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017) e professores de Artes. Tendo como problemática a seguinte questão: De que modo os estereótipos presentes nas aulas levadas por meio da mediação de professores da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, interferem no processo criativo das crianças? Para isso, optei por uma metodologia em meio à cartografia, bibliográfica, de natureza básica e qualitativa e de campo, para coleta de dados realizei uma entrevista com quatro professores que atuam nos anos iniciais, da rede pública do ensino municipal e estadual do município de Sombrio/SC. Diante a análise dos dados coletados percebi como ainda é forte a presença dos estereótipos na disciplina de Arte e como a desconstrução do mesmo é uma luta diária. Tendo como conclusão a importância de uma formação continuada para se ter uma educação de qualidade.

**Palavras-chave:** Ensino da Arte. Estereótipo. Anos Iniciais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenho para colorir.....	25
Figura 2 – Maurício - Mônica ensina a fazer arte.....	26
Figura 3 - Estereótipo em fachada de escola.....	27
Figura 4 - Temática imagética.....	28
Figura 5 - Lembrancinhas para Páscoa.....	29
Figura 6 - Imagem de propaganda.....	31
Figura 7 - Desenhos (cópias) em varais.....	37



## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ABNT Associação Brasileira de Normas Técnicas

SC Santa Catarina

UNESC Universidade do Extremo Sul Catarinense

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO: MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES.....</b>	<b>11</b>
<b>2 METODOLOGIA: PERCORRENDO CAMINHOS.....</b>	<b>15</b>
<b>3 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA ARTE: ARTE E A ESCOLA.....</b>	<b>18</b>
<b>4 ESTEREÓTIPOS PRESENTE NO CONTEXTO ESCOLAR: CÓPIAS, CENÁRIOS E DATAS COMEMORATIVAS.....</b>	<b>26</b>
<b>5 CULTURA VISUAL E A INFÂNCIA.....</b>	<b>33</b>
5.1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA VISUAL NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR.....	35
<b>6 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS.....</b>	<b>37</b>
<b>7 PROJETO DE CURSO: ESTEREÓTIPOS PRESENTES NA DISCIPLINA DE ARTES: PROFESSOR/PESQUISADOR EM MEIO A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS.....</b>	<b>42</b>
7.1 TEMA .....	42
7.2 JUSTIFICATIVA .....	42
7.3 EMENTA .....	44
7.4 CARGA HORÁRIA .....	44
7.5 PÚBLICO ALVO .....	44
<b>7.6 OBJETIVOS.....</b>	<b>44</b>
7.6.1 OBJETIVO GERAL.....	44
7.6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS .....	45
7.7 METODOLOGIA.....	45
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>
<b>9 REFERÊNCIAS.....</b>	<b>49</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>51</b>
<b>APÊNDICE A – Questionário Para a Pesquisa Em Campo.....</b>	<b>52</b>
<b>ANEXO.....</b>	<b>54</b>
<b>ANEXO A – Autorização do Uso de Imagem, Fala e Escrita.....</b>	<b>55</b>

## 1 INTRODUÇÃO: MEMÓRIAS E INQUIETAÇÕES

Recordo-me em meio ao meu percurso no âmbito escolar, desde as séries iniciais do Ensino Fundamental até o Ensino Médio que, os estereótipos sempre foram presentes, principalmente na disciplina de Arte<sup>1</sup>. Lembro-me como se fosse hoje, os contínuos desenhos que eram elaborados na aula de Artes. Eram árvores em forma de nuvem com maçãs vermelhas, casinhas com chaminé, pássaros em forma de M, sol com rostinho, ilha com um coqueiro e um barquinho, bonecos com aspecto de palito. Reflito também sobre a questão da escolha dos desenhos, por exemplo, meninas gostam de desenhar flores, borboletas e já os meninos costumam desenhar meios de transporte como carro, caminhão e moto. Sem falar na questão da cor, rosa para menina e azul pra menino. Assim podemos parar pra pensar que como uma criança que ainda não sabe escrever ou até mesmo não conhece as cores, quando a professora em sala de aula está trabalhando, por exemplo, com objetos ou algo que tenha cores, as meninas vão dizer que querem rosa e os meninos azul.

Diante dessas memórias, é notável o domínio dos estereótipos em sala de aula. O quão era a obsessão de querer que a criança desenhasse tudo bonitinho, certinho e sem borrões, e para adentrar a essa obsessão, as cópias infelizmente eram bem visíveis e frequentes nas aulas. Cabe a mim, ressaltar a respeito das lembrancinhas que geravam entorno das datas comemorativas, como a cópia do rosto de um coelhinho pintado pelas crianças e colado no fundo de uma garrafa pet, moldes de corações para o dia das mães, ilustrações de gravatas para o dia dos pais, não posso me esquecer da época de natal, onde as cópias de papai Noel ganhavam formas com algodões em sua barba, entre outros.

Se não me falha a memória, a escola era sempre decorada com painéis de recados, calendário e aniversário, ao qual sempre restava para o professor (a) de Artes produzirem. Ao mesmo vale lembrar, os temas generalizados que decoravam as paredes dos corredores, das portas e das salas.

Como descrevi acima, em minhas recordações dentro da área escolar, tive muitas influências diante de cópias. Nas séries iniciais do Ensino Fundamental,

---

<sup>1</sup> No decorrer da pesquisa utilizarei o termo “Arte” ou “Artes”, para referir-me ao Ensino, Disciplina e ao professor (a) da área, e quando descrever “arte” ou “artes”, trata-se de uma arte mais abrangente.

lembro-me que a professora pedia ajuda para distribuir os desenhos e eu logo ia correndo para ajudá-la, além de distribuir os desenhos, adorava sentir o cheirinho das folhas porque tinha uma fragrância de álcool, pois as impressões eram feitas por mimeógrafo. Os contornos dos desenhos eram ressaltados pelas famosas canetinhas coloridas, e quando tinha que fazer um desenho, muitas vezes copiava os que já estavam prontos. Conforme os anos passavam vinham então os trabalhos em grupo, onde o desenho como cópia em cartolina virava rotina, e como eu tinha certa facilidade em ampliar qualquer imagem, sempre ficava a frente para a produção da cópia.

Perante aos relatos aqui descritos acredito que, a escola pode ser considerada um dos ambientes com fortes influências de imagens estereotipadas, pois temos essa visão logo na entrada, nos muros e entre os corredores, sem falar em sala de aula onde sempre está decorada com desenhos feitos com E.V.A, contudo essas propostas que a escola nos oferece desde cedo, acabam minimizando de certa forma nossa criatividade.

É muito comum crianças dizerem: - ah, professor (a), mas eu não sei desenhar, porém o que é saber desenhar? Será que desenhar é saber copiar algo feito? E a imaginação onde se encontra? Diante dessas e outras perguntas que assombram principalmente professores (a) de Arte que entendem e sabem o quão grande pode ser esse problema de produções de estereótipos. É normal professores de Artes escutarem “Você sabe desenhar, né? não sabe? Como assim? Você não é professor de Artes? Você tem que saber desenhar?” O professor de Artes sofre com esse pensamento estereotipado que as pessoas têm sobre sua profissão.

Durante minha trajetória na escola, não tive essa percepção dos estereótipos, e só tive noção do que seria quando ingressei na universidade, mesmo quando me inscrevi no Curso de Artes pensei que como sabia desenhar, estaria no lugar certo. Entretanto, não foi isso que observei, pois há uma grande desconstrução dentro do curso de quem faz Artes sabe desenhar, e foi diante de cada disciplina teórica e/ou prática da Graduação em Artes Visuais (Licenciatura) da UNESC, que tive a oportunidade de colher conhecimentos e aprendizagens sobre escola, sala de aula, professor, professor/artista, aluno e educação. No decorrer das disciplinas de estágios pude perceber que os estereótipos estão presentes dentro da disciplina de Artes e quem é responsável muitas vezes é o próprio professor e até mesmo a escola, que adverte regras que impedem o docente a minimizar essa questão, como

foi citado no início do texto em relação com as datas comemorativas, como páscoa, dia das mães, dia dos pais, dia do índio, natal, entre outras.

Em meio a essa realidade sobre a presença dos estereótipos na disciplina de Artes, trago como objeto de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso, os estereótipos na educação vinculada à disciplina de Artes, partindo da seguinte questão: **De que modo os estereótipos presentes nas aulas levadas por meio da mediação de professores da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, interferem no processo criativo das crianças?**

Nesse viés, minha inquietação sobre o assunto aqui abordado, desfrutará de reflexos sobre as visíveis possibilidades da desconstrução dos estereótipos na disciplina de Arte, segundo cabe o professor (a) de Artes, proporcionar aos seus alunos metodologias que aderem a experiências, oportunizando-os para um novo olhar para as aulas de Artes, deixando de lado um ensino modelador, onde a cópia, a releitura e os desenhos prontos estão inseridos. Instigando-os a pensar, imaginar, criar, refletir e produzir sem qualquer bloqueio para sua criação artística, viabilizando contato com as outras linguagens das artes, como a pintura, música, dança, cinema, teatro e entre outras.

A pesquisa aqui presente está estruturada em nove capítulos, ao qual descrevo a ideia de meu trabalho na – **Introdução: Memórias e Inquietações**, ressaltando as raízes da pesquisa, e na – **Metodologia: Percorrendo Caminhos**, onde abordo os métodos científicos de meu trabalho, fundamentando-os diante da escrita e ações realizadas. Propus fazer uma pesquisa de campo com quatro professores de artes que atuam nos anos iniciais do Ensino Fundamental, no município de Sombrio/SC, para compreender melhor à existência ponderada ao problema apontado anteriormente. Em seguida, no capítulo três – **3 Considerações em Torno da Arte: Arte e a Escola** – será abordado sobre – A escola e o espaço da arte; com escritas de autores como Ott (1999), Almeida (2004), Tati; Machado (2003) e Pillotto; Mognol (2015). Base Nacional Comum Curricular (2017), autores como Almeida (2004), Larrosa (2002), Ferreira; Silvia (2004) enfatizam metodologias que agregam na criação artística da criança. No capítulo quatro – **Esteréotipos Presente no Contexto Escolar: Cópias, Cenários e Datas Comemorativas**, autores como, Lippmann (2008), Buoro (2002 e 2003), Ferreira; Silvia (2004), Cunha (2014), Gonçalves; Dias (2010), irão contribuir para reflexões sobre os estereótipos presentes na disciplina de Arte como as cópias de desenhos prontos, os cenários

que as escolas aderem como decoração e sobre as datas comemorativas que infelizmente o professor (a), muitas vezes trabalham em sala de aula, para cumprir pedidos da gestão da escola. No capítulo cinco – **Cultura Visual e a Infância** – tendo como subcapítulo – A Importância Da Cultura Visual No Repertório Do Professor –, descrevo com referencial de autores como Hernández (2007), Fallgater (2001), Buoro (2003) e documentos norteadores como Base Nacional Comum Curricular (2017), para tratar sobre a importância do estudo sobre a cultura visual e sua relação com a arte. No capítulo seis – **Apresentação e Análise dos Dados** – Apresento a análise das entrevistas realizadas com quatro professores que atuam nas séries iniciais do ensino fundamental, da rede pública do ensino municipal e estadual do município de Sombrio/SC. No capítulo sete – **Projeto de Curso: Estereótipos Presentes na Disciplina de Artes: Professor/Pesquisador em meio a Desconstrução Dos Estereótipos** – busco, com professores por meio de um plano de aula, refletirmos sobre possibilidade da desconstrução dos estereótipos. No capítulo oito apresento – **As Considerações Finais** – visto que a (des)construção dos estereótipos na disciplina de Artes é um processo lento, uma luta diária, principalmente para professores de Artes.

## 2 METODOLOGIA: PERCORRENDO CAMINHOS

Em relevância ao que se pode pensar sobre pesquisa, é estar interligado a um campo de conhecimento, estudo e experiência. Investigar através de análise, coleta de dados, leituras e escritas fundamentadas por autores e documentos norteadores que relacionem com a problemática, ao qual se deu uma busca para tal pesquisa. Segundo Santaella (2001, p.112-113, apud, TOURINHO, MARTINS, 2001, p. 234).

Pesquisa é o modo próprio que a ciência tem para adquirir conhecimento [...], diferentemente da “pesquisa em geral”, a pesquisa científica demanda que o (a) pesquisador (a) realize “sua busca através de levantamento de dados, através de um método coletâneo ao quadro teórico de referência e também adequado a dificuldade a ser resolvida, método este com suas técnicas específicas.

Sendo assim, a pesquisa abrange de certa forma a área do conhecimento, indagando um olhar de curiosidade em meio às inquietações e problemáticas de interesse pessoal. Dando ênfase a uma pesquisa científica, fundamentada e conectada ao campo acadêmico, ao qual se tem como base a utilização às normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas), para assim se ter um trabalho bem construtivo.

Por conseguinte a pesquisa aqui intitulada “(Des)construindo estereótipos: inquietudes sobre o ensino de Arte modelador nas séries iniciais” é referente ao Curso de Artes Visuais – licenciatura, inserido na linha de Pesquisa Educação e Arte, de acordo com a ementa: “Princípios teóricos e metodológicos sobre educação e arte. A formação de professores. As artes visuais e suas relações com as demais linguagens artísticas. Estudos sobre estética, culturas e suas implicações com a arte e a educação”.<sup>2</sup>, sendo assim trago como objeto de pesquisa, os estereótipos e tendo à natureza da pesquisa classificatória básica, pois conforme Gil (1996, p. 19), a pesquisa é vista como:

[...] procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos. [...] A pesquisa é desenvolvida mediante o concurso dos conhecimentos disponíveis e a utilização cuidadosa de métodos, técnicas e outros procedimentos científicos. [...], a pesquisa desenvolve-se ao longo de um processo que envolve inúmeras fases, desde a adequada formulação do problema até a satisfatória apresentação dos resultados.

---

<sup>2</sup> Dados disponíveis em: <[http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas\\_tcc\\_licenciatura.pdf](http://www.unesc.net/portal/resources/files/42/normas_tcc_licenciatura.pdf)> Acesso em 19 novembro 2019.

O estudo se obteve diante da problemática que, conforme já descrito na introdução, ao qual se tem em: **De que modo os estereótipos presentes nas aulas levadas por meio da mediação de professores da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, interferem no processo criativo das crianças?** E trago como as questões norteadoras: De que maneira a metodologia da arte pode contribuir para esta realidade? É possível desconstruir essa ideia de estereótipo, quando o aluno já está totalmente mergulhado nesse mundo? Por que os estereótipos são vistos como um bloqueio na imaginação e na criação do indivíduo? E a partir dessas concepções apresento como objetivo geral: Investigar os estereótipos encontrados em sala de aula nos anos iniciais do Ensino Fundamental e de que forma interferem na criação artística das crianças. Como objetivos específicos proponho: Identificar os estereótipos presente na sala de aula, e perceber se há presença de cópias, releituras e desenhos prontos nas aulas de artes; Pesquisar metodologias de Artes, que propõem desconstruir esse pensamento estereotipado nas aulas; Perceber como é o processo de criação das crianças dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Em busca de um caminho metodológico para entender melhor as questões apontadas nesse projeto de pesquisa, a cartografia será o método que irá auxiliar, dando ênfase a um carácter qualitativo, ao qual abrange na área da pesquisa, arte e educação. De acordo com Passos e Barros (2015, p.30):

Defender que toda pesquisa é intervenção exige do cartógrafo um mergulho no plano da experiência, lá onde conhecer e fazer se tornam inseparáveis, impedindo qualquer pretensão à neutralidade ou mesmo suposição de um sujeito e de um objeto cognoscentes prévios à relação que os liga.

É válido lembrar que a cartografia não busca uma resposta concreta, mas mostra caminhos ao qual lhe possibilita a pensar em possíveis respostas. Assim essa pesquisa tem um processo que objetiva analisar os estereótipos, a metodologia no ensino da Arte e como podem interferir na criação artística com alunos dos anos iniciais.

Este estudo científico também se trata de uma pesquisa bibliográfica, pois conforme Gil (1996), “a pesquisa bibliográfica é desenvolvida a partir de material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (p. 48).

Tendo como estrutura para análise relativo à pesquisa, obteve uma coleta de dados, onde utilizei um questionário com cinco perguntas (APÊNDICE A)



referente à minha inquietação diante do problema da pesquisa aqui apresentada. As entrevistas foram realizadas no município de Sombrio/SC, com quatro professores da disciplina de Arte, que atuam nos anos iniciais, na rede pública de ensino municipal e estadual. Tal estudo se deu relevante, visando uma amplitude de percepções sobre tais levantamentos diante do objetivo da pesquisa aqui citado. A preferência pela coleta de dados com professores de Arte do município de Sombrio/SC se deu por ser onde resido, e pretendo futuramente estar atuando na área da educação, como professora de Arte. Ressalto também que foi onde que realizei meus estágios obrigatórios<sup>3</sup>, do Curso de Artes Visuais (Licenciatura) da UNESC. Portanto foi de mera importância à participação dos professores entrevistados, onde pude observar em suas escritas, uma grande disposição e valorização diante de sua profissão, e buscando metodologias que minimize a presença dos estereótipos na disciplina de Artes.

Perante a esta inquietação sobre os estereótipos, que durante toda Graduação me fez curiosa em querer saber mais sobre suas influências e bloqueios que impedem a criação artístico/cultural e sobre tudo não se tem um sujeito crítico. Através dessas percepções tive a oportunidade de estar em meio à pesquisa sobre arte, ao qual ampliou meu repertório sobre tal conhecimento.

---

<sup>3</sup> Estágios obrigatórios realizados com a Educação Infantil, Ensino Fundamental- anos iniciais e finais- e Ensino Médio.

### 3 CONSIDERAÇÕES EM TORNO DA ARTE: ARTE E A ESCOLA

*“Aprofundar o campo da imaginação e do papel que pode ter na criação de significados pessoais e na transmissão da cultura torna-se o ponto e o propósito para se ter artes na educação”.*

*Arthur Efland*

A descrição deste capítulo abordará de modo breve, concepções sobre conceitos da arte como área do conhecimento, a arte no âmbito escolar e como o ensino da Arte está inserida nas séries iniciais do ensino fundamental, contextualizando as ideias com falas de autores e documentos que norteiam o ensino da Arte.

A arte nos proporciona uma relação com meu eu e com o outro, de maneira que há uma existência de construção social, política, histórica e cultural em meio à sociedade. Ressalta Robert William Ott (1999, p.113), “A arte pode assumir diversos significados em suas várias dimensões, mas como conhecimento proporciona meios para a compreensão do pensamento e das expressões de uma cultura”. Para estar inserido em uma sociedade contemporânea, é preciso ter um autoconhecimento sobre as diversas culturas e manifestações artísticas, possibilitando um repertório amplo, pois é por meio da arte que podemos perceber o mundo em nossa volta.

O ensino da Arte muitas vezes é conhecido como apenas um instrumento para o entretenimento da criança, ou até mesmo como atividade onde o sujeito desenvolva a coordenação motora. Os essencialistas advertem que o ensino das Artes deve trabalhar com apenas coisas que estejam relacionadas com o campo das artes. Segundo Almeida, (2004, p. 12) “[...] as artes devem estar presentes no currículo escolar não por suas contribuições nesses campos de desenvolvimento, mas pelos benefícios que apenas as artes, e nenhuma outra área de estudo, podem oferecer à educação”. Já os contextualistas concede a ideia sociológica, ou seja, o uso das causas sociais e valores:

[...] as atividades artísticas são necessárias porque constituem um poderoso fator de desenvolvimento emocional e social da criança- “servem para extravasar emoções”, “desinibem” e “socializam a criança”- e também por impulsionar a imaginação e criatividade. (ALMEIDA, 2004, p.12)

Dessa maneira, vale pensar que o ensino das Arte não deve ser visto como apenas conhecimentos e habilidades, mas também como a construção do sujeito. Tenho para mim que é um pouco estranho falar que muitos professores não

sabem o porquê da disciplina estar no currículo escolar e o que ela oferece aos alunos, qual a justificativa que a leva-os a ensinar nesse campo, assim é necessário saber o porquê, e o que o aluno irá aprender, o professor deve dar valor ao seu ensino. Segunda Almeida (2004, p.14-15):

Pode contribuir para uma formação mais completa, pois, ao conhecer e compreender melhor as artes, os alunos tornam-se pessoas mais sensíveis, capazes de perceber de modo acurado modificações no mundo físico e natural, e também de experimentar sentimentos de ternura, simpatia e compaixão.

Entretanto, sabemos que é através das culturas que nos apropriamos e construímos como um “ser”, sendo assim para essa construção, a arte tem um papel muito importante, pois, a uma representação de patrimônio cultural. “As artes são produções culturais que precisam ser conhecidas e compreendidas pelos alunos, já que é nas culturas que nos constituímos como sujeitos humanos” (ALMEIDA, 2004, p.15).

O ensino da Arte envolve várias linguagens, possibilitando assim mergulhar no mundo visual, sonoro ou corporal. Entretanto, estar vivenciando tais experiências como, por exemplo, a visual, é de mera importância para o pensamento crítico e para a formação humana. A arte se torna muito importante no ensino, deixando de ser uma mera atividade, mas sim uma área do conhecimento.

A arte abrange um olhar, onde o desenvolvimento da percepção se engrandece diante de cada experiência.

[...] é preciso reconhecer a diversidade de saberes, experiências e práticas artísticas como modos legítimos de pensar, de experienciar e de fruir a arte, o que coloca em evidência o caráter social e político dessas práticas. (BRASIL, 2017, p.197).

Portanto, o ensino da Arte é de extrema importância para cada sujeito, dando a si próprio uma amplitude de conhecimento e pensamento crítico. É na experiência que o sujeito eleva seu conhecimento e amplia seu repertório. No entanto nas disciplinas de estágios me deparei em minhas atuações em sala de aula com alguns professores que aderem um ensino modelar, como a própria palavra se refere a algo que se molde, ou seja, o educador oferece como única forma de modelo para os alunos, como exemplos pode-se citar os desenhos impressos e as releituras. Assim, citado por Almeida “Ele ocorre [...] quando o professor determina o que e como fazer: todos os gestos a serem feitos para acompanhar a canção, as

cores selecionadas para colorir o desenho da folha mimeografada ou xerografada” (2004, p. 26).

Há outros que adotam a prática das “atividades livres”, prática ao qual leva aos alunos a produzirem através de um tema ou título oferecido pelo professor, que muitas das vezes os temas se referem às datas comemorativas como exemplo, Dia das mães, Dos pais, Dia do Índio, Natal e etc. Segundo Almeida (2004, p.29) “Trata-se de uma prática que pressupõe que a criança tem em sua mente uma verdadeira coleção de temas e que, no momento oportuno, basta lançar mão de um deles para realizar o trabalho solicitado”.

Já outros educadores ofertam a prática do “deixar fazer”, ou seja, os alunos ficam totalmente livres pra fazer o que quiser, pois nem temas são sugeridos. “[...] Em contato com as artes e ao realizarem atividades artísticas, os alunos aprendem muito mais do que pretendemos, extrapolam o que poderiam aprender no campo específico das artes. [...]” (ALMEIDA, 2004, p.32).

Assim, deve-se pensar como ponto de partida, quando se temos o ensino da Arte nos anos iniciais. Nessa etapa é seu primeiro contato com o sistema educacional, ao qual partirá daqueles primeiros encontros um conhecimento em que permanecerá vivo em seu repertório se o mesmo for significativo para seu aprender.

Sabemos que a grande maioria das escolas são precárias, pensando no campo das artes, a maioria das escolas não se tem uma sala de artes para lecionar e tem escola que até tem, mais usam como depósito. É muito triste saber que existe sala de artes que não são utilizadas para as aulas, sem contar dos materiais e recursos que o professor não encontra na escola para trabalhar com os alunos, muitas vezes tirando até do próprio bolso, para estar elaborando atividades interessantes com os alunos. Foi na disciplina de estágio que observei o quanto é tão forte esse problema nas escolas, onde o professor de Arte se vê fazendo milagre com o que se tem na sala para estar elaborando seus projetos. Tatit e Machado traz uma mera ideia de o que se precisa para um espaço onde a arte pode circular:

[...] requer uma sala ampla, clara, ventilada, que se restrinja ao ensino das artes. Deve haver mesas e bancos adequados ao tamanho e à quantidade de alunos. [...] mapoteca para armazenar os diferentes tipos de papeis; murais nos quais os alunos possam pendurar seus desenhos ou pinturas; uma bancada de madeira para exercícios [...] uma pia que facilite o acesso dos alunos a água, para que lavem seus pincéis, recipientes e mãos; e alguns cavaletes próprios para a pintura, para aqueles que desejarem trabalhar no sentido vertical (TATIT;MACHADO, 2003, p. 20).

Geralmente, os professores dizem que se adaptam a certos modelos de ensino, como tal citado anterior, por falta de recursos nas escolas como falta de sala de Arte, materiais e equipamentos para se trabalhar, outros acreditam que não tem “dom” para poder ensinar artes, sendo assim alguns motivos para quais alguns educandos se deixam ser domados pela mesmice, onde se tem a arte como “fazer por fazer”, e que muitas vezes fazem só pela nota e deixam de lado a importância do ensino da Arte.

Para se pensar em ensinar Arte, é preciso refletir como elaborar um currículo, que proporcione experiências e conhecimentos apoiando-se na teoria e na prática. O educador deve ter a consciência de que tal currículo não tem valor apenas com datas e atividades programadas. Para a construção de uma estrutura de currículo, é preciso uma parceria entre professor, alunos, escola, família e a comunidade, ou seja, projetos educativo que estejam relacionados com mundo em que a criança convive.

O currículo deve ter significado e compreensão. Não é uma questão de programar o dia da escola nem de usar determinados métodos de ensino. Trata-se de ensinar e aprender determinados tipos de ideias. Está fundamentado na noção de que as crianças fazem também a integração. Isso significa que as crianças não aprendem parcelas de conhecimentos separadas e desconectadas. A integração faz sentido quando a aprendizagem afeta as crianças, especialmente quando as conectam com os próprios interesses, experiências de mundo e de vida (PARSONS, 2005, p. 296, apud, PILLOTTO; MOGNOL, 2015, p. 200).

Em relação a essa ideia de projeto educativo, ter o professor como professor-criança, é imprescindível um vínculo entre o professor e a criança, mas isso não quer dizer que apenas o professor é que ensina e a criança aprende, mas sim, ambos ensinam como aprendem juntos. Como é importante o professor estar mergulhado nesse mundo lúdico em que a criança se encontra e de tal maneira poder proporcioná-la experimentos e integração com as variadas linguagens da arte instigar o desenvolvimento da aprendizagem e o sensível. Para Pillotto e Mognol, a criança é pensada como “[...] um ser curioso e apto a explorações, portanto, quanto mais o projeto estiver ligado às questões de seu interesse, mais significativo será o seu aprendizado” (2015, p. 201).

Quando o professor de Arte se envolve em meio a esse contexto de construção de ensino, ele tem um valor muito grande referente à educação das crianças que ali estão presentes. Então vale ressaltar que a função desse profissional não é apenas ir para sala de aula e cumprir seu horário, mas

principalmente adquirir sapiência, ter força de vontade e fazer daquela simples aula, assim como são vistas, um espaço de aprendizagem, conhecimento, cultura e principalmente estimular a percepção criativa da criança e explorar seus sentimentos. “[...] as crianças no contexto da educação infantil devem ter liberdade para brincar e aprender, a partir de um processo de ludicidade, sem rigidez de horários ou atividades fragmentadas” (PILLOTTO; MOGNOL, 2015, p.202).

Ao refletir sobre o espaço que a escola tradicional adere (os alunos ficam sentados em carteiras e em fileiras, conteúdos, atividades e provas são cobrados por terem que obter uma nota, onde que a mesma tem que ser uma nota boa, para o aluno possa passar de ano), e a partir dessas concepções de sala de aula, percebemos o quanto é importante um espaço onde o aluno se sinta a vontade, onde há uma interação tanto com outros alunos quanto com o próprio professor, a importância de o aluno ter direito de colocar suas ideias, e que há trocas de conhecimento entre o educando e o professor, principalmente nos anos iniciais do Ensino Fundamental, onde se tem o início da aprendizagem, experiência e reflexões.

Dessa forma, é importante pensar em um espaço próprio para o ensino da Arte, onde tenha diversos materiais, mesas grandes e bancos confortáveis, para que todos tenham interação, ou seja, um ambiente artístico, em que as crianças se comuniquem umas com as outras, pois seu desenvolvimento abrange ao observar o outro. A arte tem forte influência ao autoconhecimento, ao olhar objetivo e subjetivo ao que é mostrado, e principalmente está ligada a criação e expressão.

Mas, para que isso aconteça de fato é necessário que o professor perceba a importância e a verdadeira função do ensino da Arte e elabore metodologias que propicie ao aluno o desenvolvimento de seu aprendizado, que seja significativo no sentido que ele consiga fazer conexões com o que é aprendido e com a sua realidade. Não podemos mais permitir que determinadas atividades repetitivas e sem um contexto, de apropriação do conhecimento esteja ainda presente no componente curricular de Arte.

A criança tem que ser e estar livre para a criação artística, sem influências de qualquer coisa que a impeça de pensar, mas com referências artísticas que contribuam para a construção do pensamento. A produção artística é mais que um

simples fazer, ela permite a ação da criação, por exemplo, fazer um desenho, a criança escolhe que tipo de material quer usar, e o que quer desenhar.

[...] quando os sujeitos criam, produzem e constroem. Trata-se de uma atitude intencional e investigativa que confere materialidade estética a sentimentos, ideias, desejos e representações em processos, acontecimentos e produções artísticas individuais ou coletivas. Essa dimensão trata do apreender o que está em jogo durante o fazer artístico, processo permeado por tomadas de decisão, entraves, desafios, conflitos, negociações e inquietações (BRASIL, 2017 p. 194).

O fazer artístico permite uma ação em que a imaginação, o pensamento e o lúdico se misturam de certa maneira. A criança se expressa, colocando muitas vezes o que não sabe falar com palavras, sendo assim, se expressa por meio do desenho ou qualquer outra linguagem da arte, como a dança, música, teatro e entre outras.

Quando a criança é livre para o processo de criação, possibilita-se que ela experimente outros elementos e objetos, que muitas vezes promovem a satisfação com o seu fazer, onde o pensar, julgar, explorar e o criar caminhe juntos.

Vivemos numa realidade que não é raro encontrar professores com a carga horária demasiada de trabalho e muitas vezes sem tempo para estar elaborando aulas com atividades novas para todas as turmas, acabando então repetindo atividades ou até mesmo deixando a criança livre para fazer o que quiser na aula, sem nenhum contexto sobre a disciplina.

Para melhorar a qualidade do trabalho, é fundamental que os professores reflitam sobre suas concepções e práticas, muitas vezes adotadas pura e simplesmente por modismo ou por acomodação. [...] Para pode ser colocada em prática, ela necessita ter apropriada pelo professor, ser reconstruída, precisa fazer sentido para ele e para os alunos. Propostas aplicadas mecanicamente, como se fossem receitas- mera reprodução do que propõem- estão fadadas ao fracasso. Para aplicar uma proposta, o professor precisa compreendê-la em seus objetivos, conteúdo e processos de desenvolvimento e avaliação. Ela ainda precisa, ser adequada aos alunos, afim de que não se transforme num exercício mecânico desprovido de sentido (ALMEIDA, 2004, p. 33).

O professor precisa pensar numa metodologia que traga uma experiência artística e estética ao aluno, como enfatiza Larrosa (2002) em seu texto “Notas sobre experiência e o saber de experiência” uma experiência que nos toca, ou seja, que o que é trazido para a sala de aula promova reflexão sobre o fazer artístico e adentre em seu universo estético.

Na ânsia de levar os alunos a uma determinada forma de produção “artística”, o professor trabalha com modelos, dentro de padrões rígidos de ensino. Sua função acaba sendo a de delegar tarefas, e a dos alunos a de

cumpri-las, executando exercícios repetitivos, mecânicos, padronizados (ALMEIDA, 2004, p. 33).

Por isso, sabemos o quanto é fundamental as aulas de artes serem mediadas por professores com formação na área, e como é tão complicado quando um professor sem formação é mencionado à elaboração das práticas pedagógicas aos alunos, principalmente isso ocorre com mais frequência nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Como símbolo dos estereótipos é muito visível o uso do mimeógrafo em sala de aula, é muito forte ainda o uso da reprodução de imagem. Segundo as autoras Ferreira e Silva “entendemos por imagens estereotipadas aquelas que não são artísticas, ou seja, imagens extremamente simplificadas, feitas com objetivo de serem facilmente reproduzidas a partir de uma matriz” (2004, p. 146).

Outro ponto a ser mencionado é o uso de varais em sala de aula (conforme a figura 7), ao qual são pendurados os trabalhos dos alunos, ao qual são todas imagens mimeografadas e que se não tiver em nomes para que se possa ser identificados, nem o próprio aluno que o pintou, poderá saber qual é o seu. Sobre o tema trabalhado nessas atividades pedagógicas, são sempre sobre as datas comemorativas, que muitas vezes o professor é obrigado a fazer o que a direção da escola exige, lembrando que não apenas os professores não formados, como também professores formados em Artes passam por esses obstáculos.

A cada data comemorativa, muitas vezes totalmente distante da vida dos alunos, os varais se renovam com figuras diferentes, de acordo com as matrizes disponíveis para o mimeógrafo; coelhos, papais-noéis, árvores natalinas, sorvetes, bandeiras, corações, casinhas, sacis, fadas, palhaços, índios. As figuras mudam e a mesmice continua: os mesmos modos de colorir, os mesmos materiais, as mesmas propostas (FERREIRA; SILVA, 2004, p. 146).



Figura 7 - Desenhos (cópias) em varais



Fonte: <http://naescola.eduqa.me/atividades/identidade-e-autonomia-o-varal-das-regras/>

Muitas escolas ainda carregam o método de mecanismo nas aulas de artes, onde as crianças são mencionadas a reproduzirem imagens e mais imagens, para serem colocados em pastas, para que no final do ano letivo, os professores tenham como provar as atividades realizadas durante o ano, sem mesmo nenhum lado artístico da criança, e sim desenhos estereotipados.

Se o processo do fazer artístico não for considerado, perde-se a oportunidade de observar e interpretar os sinais, os gestos, as palavras, as singularidades das crianças, transformando um momento importante-constituído de indícios para serem articulados em novas aprendizagens- em espaço pedagógico perdido (FERREIRA; SILVA, 2004, p. 150).

Vale pensar que cada criança tem seu próprio pensamento, sentimento, significado e é através da produção artística que ela pode transpassar um pouquinho dela, dando sentido a seus trabalhos, sem precisar fazer algo sem ter vontade, fazer só por fazer.

#### 4 ESTEREÓTIPOS PRESENTE NO CONTEXTO ESCOLAR: CÓPIAS, CENÁRIOS E DATAS COMEMORATIVAS

*“Quem somos nós, senão uma combinação de experiências, informações, de leitura, de imaginações? Cada vida é uma enciclopédia, uma biblioteca, um inventário de objetos, uma amostragem de estilos, onde tudo pode ser continuamente remexido e reordenado de todas as maneiras possíveis.”*  
*Ítalo Calvino*

Pode-se dizer que os estereótipos são imagens preconcebidas, ao qual tem o poder de moldar padrões perante a sociedade, onde impedem o sujeito de pensar. Percebe-se um bloqueio entre o conhecimento e a realidade, ao qual é representado pelo estereótipo. Segundo Lippmann (2008):

É a imagem preconcebida de determinada pessoa, coisa ou situação. São usados principalmente para definir e limitar pessoas ou grupo de pessoas na sociedade. Sua aceitação é ampla e culturalmente difundida no Ocidente, sendo um grande motivador de preconceito e discriminação. Conceito infundado sobre um determinado grupo social, atribuindo a todos os seres desse grupo uma característica, frequentemente depreciativa; modelo irrefletido, imagem preconcebida e sem fundamento. Estereótipo também é muito usado em Humorismo como manifestação de racismo, xenofobia, machismo, intolerância religiosa e homofobia. “É muito mais aceito quando manifestado desta forma, possuindo salvo-conduto e presunção de inocência para atingir seu objetivo” (p. 304).

Pensando nessa ideia, o estereótipo é muito forte e frequente no dia-a-dia da criança, é preciso estar ciente que a criança tem potencial para a criação e para a imaginação, porém existe esse limite, que interferem nessa produção artística.

O estereótipo torna-se alternativa facilmente adotada na expressão plástica por se apresentar como forma segura de representação, um modo de não se arriscar, de não se expor. Essa busca de garantia de aprovação resulta em trabalhos mecânicos, acomodados, sem desafios (BUORO, 2003, p. 36).

A cópia do desenho pronto é um dos diversos exemplos de estereótipos que a criança tem contato em sala de aula. A criança é bloqueada em seu momento de criação, quando já se tem um desenho moldado (figura 1), sua imaginação não é ativada, pois o desenho já este pronto, só falta colorir. O contorno em torno do desenho serve para que a criança tenha uma percepção de que ao colorir não ultrapasse a linha.

Figura 1- desenho para colorir



Fonte: <http://aprenderbrincandouesb.blogspot.com/p/desenhos-para-colorir.html>

Maurício de Souza<sup>4</sup> traz junto a Mônica<sup>5</sup> (figura 2), em revistas e site da personagem, desenhos prontos para colorir e deixa claro na descrição “Dessa vez sua mãe não vai reclamar se você estiver fazendo arte”. Segundo Cunha (2014):

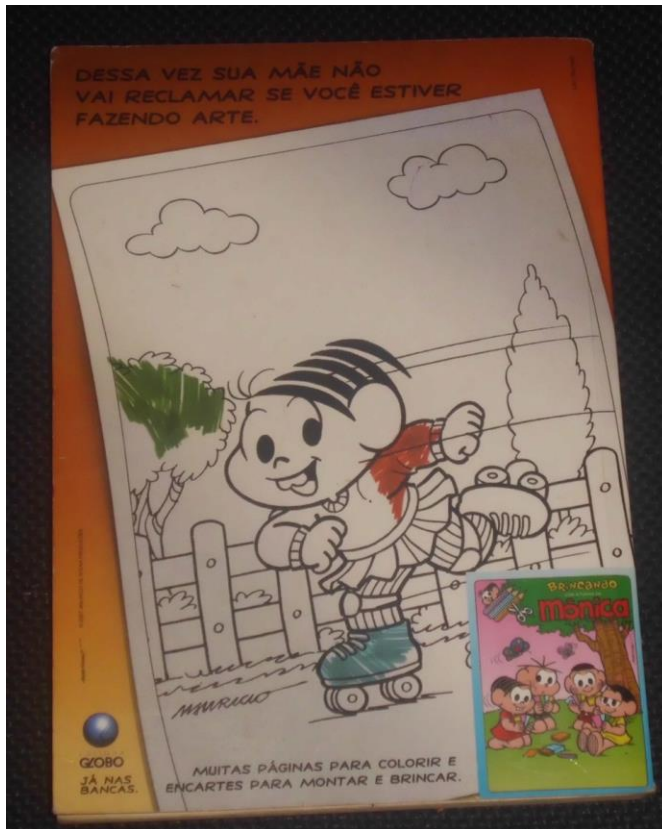
[...] está implícito que as outras produções infantis, talvez aquelas em que as crianças façam riscalhadas incontroláveis, não respeitando os limites do contorno das formas, não agrada aos adultos, as mães em particular, logo, o modo de fazer arte ensinado por Maurício-Mônica passa ser o modo adequado de pinta” (p. 218).

Percebe-se uma grande influência para uma pedagogia em meio a padrões, modelos e regras quando se tem esse tipo de estereótipo dentro e/ou fora do espaço escolar ao qual a criança está inserida.

<sup>4</sup> Maurício de Sousa - desenhista e ilustrador.

<sup>5</sup> Mônica - personagem do desenho infantil.

Figura 2 - Maurício-Mônica ensina a fazer arte



Fonte: [https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-709344465-coleco-um-tema-so-casco-futebol-ed-globo-\\_JM](https://produto.mercadolivre.com.br/MLB-709344465-coleco-um-tema-so-casco-futebol-ed-globo-_JM)

Infelizmente ainda no século XXI, o sistema de educação generalizada está presente em muitas escolas, principalmente no mundo infantil. A criança precisa ter contato com seu lado artístico, sem interferência de uma metodologia moldada, onde o pensar, imaginar e criar deve fazer parte de suas produções, como nos desenhos. “A imaginação recria o já existente e o vivido. Assim, o desenho da criança, fundamentado na realidade conhecida, cria uma outra realidade, uma área de significação” (FERREIRA;SILVA, 2004,p. 150-151).

Portanto, seu repertório do fazer artístico se amplia no momento em que a criança é livre para experimentações e livre para poder se expressar, pois sua imaginação não o limita de seu desenvolvimento cognitivo e sensível. Os cenários que as escolas aderem também são vistas como uma barreira para a criação das crianças. As representações de personagens são frequentes (figura 3), tanto em muros quanto em paredes dos corredores e exclusive nas próprias salas de aulas. Ressalta Cunha (2014) que “nesses ambientes, as imagens midiáticas são soberanas, ocupam o espaço físico e o espaço do imaginário. As marcas individuais

das crianças que habitam este ambiente são inexistentes. O espaço não pertence aos seus habitantes” (p. 208).

Figura 3 - Estereótipo em fachada de escola



Fonte: <https://www.elo7.com.br/fachada-escola-infantil/dp/E076B3>

As escolas carregam metodologias que muitas vezes impedem a criação, podemos observar as imagens que elas trazem, tanto nas paredes, nos corredores, quanto nas salas de aula (conforme mostra a figura 4). Cunha (2014) traz essa concepção de ideia ilustrativa que a escola representa:

Os cenários, das diferentes escolas são compostos em sua maioria por personagens e paisagens, independentemente dos outros possíveis repertórios culturais das crianças. A autoridade escolar tem o poder de dizer, tanto para as crianças quanto para os pais e para própria comunidade escolar, que alguns modos de ser, configurados nos personagens expostos, são melhores do que os outros. Essas imagens dominantes negam outras formas singulares, outras identidades, confinando as crianças a estes modelos de ser e de se representar (CUNHA, 2014, p.207-208).

Figura 4 - Temática imagética



Fonte: <https://artesanato.culturamix.com/enfeites/enfeites-para-sala-de-aula>

As imagens estão por todas as partes como na escola, livros, mídias, ou seja, ela está no dia-a-dia de qualquer indivíduo, elas se impõem em chamar atenção de alguma forma, que muitas vezes sem qualquer significado e valor. As crianças tendem ter capacidade para prestar detalhes que um adulto não há percebe, a sensibilidade está em processo no mundo infantil.

Todos são meios ao alcance da maioria da população brasileira e tão presentes quanto enraizados nos gestos mínimos de nosso dia-a-dia. Faz-se necessária uma tomada de consciência dessa presença maciça, pois, pressionados pela grande quantidade de informação, estabelecemos com as imagens relações visuais pouco significativas (BUORO, 2002, p. 34).

É comum a ilustração de imagens principalmente em sala de aula, a “releitura” como é conhecida é muito forte ainda, desenhos impressos para colorir são constante, pois sua praticidade ainda não se deixa minimizar nas aulas, principalmente nas aulas de Arte. É muito mais fácil dar algo pronto para uma criança, do que tentar fazê-la pensar e ter seu próprio conceito. As imagens estereotipadas bloqueiam de certa forma a criação e a imaginação do sujeito.

A nova Base Nacional Comum Curricular (2017) traz a importância de instigar a criatividade nos anos iniciais.

Nessa nova etapa da Educação Básica, o ensino de Arte deve assegurar aos alunos a possibilidade de se expressar criativamente em seu fazer investigativo, por meio da ludicidade, propiciando uma experiência de continuidade em relação à Educação Infantil (2017, p. 199).

Sobre as datas comemorativas, o professor de Artes muitas vezes deve abordar tais temas, apenas para agradar a direção da escola, as construções de lembrancinhas estão sempre presentes na disciplina de Arte. (figura 5).

[...] as datas comemorativas, parte do cotidiano dos alunos fora da escola, perpassam os muros escolares, chegando inicialmente estereotipadas. No entanto, o espaço da escola pode acolher esses temas quando ocorrem como demanda, e não apenas permitir como também potencializar tais atividades, dando lhes respaldo e incrementando significados. Obras musicais, visuais, balés, contos sobre tais temas podem ser mostrados aos alunos não como modelo a ser seguido, mas como forma de ampliação de seu repertório cultural e estético (GONÇALVES, DIAS, 2010, p.129).

Figura 5 - Lembrancinhas para Páscoa



Fonte:<https://www.educacaoetransformacao.com.br/lembrancinhas-de-pascoa/lembrancinhas-de-pascoa-variados-3/>

Sendo assim, os professores podem estar trabalhando as datas comemorativas de forma que, seu conteúdo de arte se mescle com a proposta da aula, e com isso o aluno tenha experiência com uma nova ideia, usando a criatividade e a liberdade de criação. Cunha (2014), aponta que “muitas imagens são também empregadas para moldar um bom comportamento infantil” (p. 205). Diante disso, o professor de Arte não pode esquecer que as imagens possuem um forte apelo e que jamais deve ser usado como exemplos para forma de agir e pensar. As imagens no contexto infantil são múltiplas, pois é nessa faixa etária que esta linguagem é utilizada, sendo assim mesmo diante da imposição de utilizar datas comemorativas, o professor (a) de Arte não pode esquecer-se de perceber a

realidade que o seu aluno vive e utilizar ilustrações que vão ao encontro do universo estético do aluno.



## 5 CULTURA VISUAL E A INFÂNCIA

*“Compreender a linguagem dos espaços é perceber a filosofia que norteia sua concepção, assim como a natureza simbólica e cultural das construções”.*  
Izaak Vaidergom

Vivemos mergulhados em um mundo visual, onde as imagens estão presentes em nosso cotidiano, desde quando acordamos até quando deitamos para dormir. Elas invadem os espaços, passando de um valor religioso para artístico e possivelmente para um valor midiático, ao qual a mídia tem um grande poder em relação à cultura visual (como mostra a figura 6).

Para compreender melhor o poder destas imagens, é essencial rever práticas pedagógicas que sejam abordadas nos currículos escolares, ao qual a sociedade contemporânea necessita discutir essa ideia.

[...] adquirir um “alfabetismo visual crítico” que permita aos aprendizes analisar, interpretar, avaliar e criar a partir da relação entre saberes que circulam pelos “textos” orais, auditivos, visuais, escritos, corporais e, especialmente, pelos vinculados às imagens que saturam as representações tecnologizadas nas sociedades contemporâneas (HERNÁNDEZ, 2007, p.24).

Figura 6 - Imagem de propaganda



Fonte: <http://www.pequenoguru.com.br/2018/04/repeticao-propaganda/>

A imagem pode ter um papel muito importante para a formação do sujeito, tornando-o ativo e crítico, mas para que seja possível essa concepção, a criança deve-se permitir a pensar, sentir e agir diante dessa cultura visual. É preciso pensar

como as crianças dessa idade veem o mundo, qual sua percepção diante de si próprio, como a criatividade e os pensamentos críticos estão presentes. Segundo a nova Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2017, p.197), “[...], os alunos devem expandir seu repertório e ampliar sua autonomia nas práticas artísticas, por meio da reflexão sensível, imaginativa e crítica sobre os conteúdos artísticos e seus elementos constitutivos e também sobre as experiências de pesquisa, invenção e criação.

As crianças do Ensino Fundamental – anos iniciais, tendem a desenvolver um conhecimento, onde se dá de fora para dentro, nessa linha de percepção as crianças disfrutam de tudo o que é lhe permitido experimentar, a partir das vivências e relações que há em seu meio social e cultural.

A cultura visual é muito importante para as crianças, é através do contato com as imagens que elas, de alguma forma, se instigam com novos conhecimentos, como observar as cores, os traços, o material que foi usado e principalmente os faz ter um pensamento crítico sobre aquilo que estão apreciando, como por exemplo, querer saber o porquê da cor. O que levou o artista a querer produzir tal coisa? Qual seu significado? E entre outras perguntas, que vão despertando a curiosidade dos pequenos.

A leitura de imagens visa o despertar do senso crítico e a apreciação estética, desenvolvendo a percepção e a imaginação enquanto analisa a realidade percebida e desenvolve a criatividade, podendo mudar a realidade que foi analisada (FALLGATER, 2001, p. 70).

É nessa experiência em contato com a cultura visual que as crianças enriquecem suas bagagens, conhecendo novas linguagens proporcionando-as a ter mera ideia de leitura visual. Segundo Fallgater “Em nosso cotidiano somos bombardeados pela mídia com imagens que vendem conceitos, produtos, ideias e políticas, e ainda não somos capazes de selecionar e interpretar devidamente essas imagens,[...]” (2001, p. 71).

Ter certa compreensão crítica diante de uma imagem os leva, a saber, um pouco mais sobre seu valor, e com o que, e como tal imagem quer transmitir para o público. Vale ressaltar as propagandas e anúncios que de alguma maneira iludem os pensamentos dos pequenos, como por exemplo, os brinquedos, onde ganham vida a um objeto que não há vitalidade, a não ser que a própria criança a faz movimentar-se. Mas, pensando por outro lado, os adultos também passam por esses problemas

de ilusão, pois a falta de leitura visual os impedem de serem críticos diante daquilo que lhe são oferecidos.

## 5.1 A IMPORTÂNCIA DA CULTURA VISUAL NO REPERTÓRIO DO PROFESSOR

*“Uma das lições mais verdadeiras da psicologia moderna e das experiências históricas recentes é a de que a educação deve ser um processo não apenas de individualização, mas também de integração, que é a reconciliação da singularidade pessoal com a unidade social”.*  
Herbet Read

Ressaltando essas questões em torno da cultura visual dos alunos, é importante que o professor esteja sempre atualizado, seja na trajetória da sua docência um eterno pesquisador, para que possa na sala de aula ter bagagem e criar metodologia que propicie a criticidade do aluno em relação ao olhar em seu entorno.

Atualmente tem se pesquisado muito sobre a cultura visual, que Hernández (2007) enfatiza que “as pessoas analfabetas do século XXI serão aquelas que não saibam construir narrativas com imagens” (p. 29).

Com a vinda da tecnologia, a imagem é no momento uma das formas mais utilizada para a leitura, diante deste quadro é necessário que o professor esteja atento para o que esta acontecendo no mundo, principalmente no mundo da criança.

Os Estudos da Cultura Visual nos permitem a aproximação com estas novas realidades a partir de uma perspectiva de reconstrução das próprias referências culturais e das maneiras de as crianças, jovens, famílias e educadores olharem (-se) e serem olhados (HERNÁNDEZ, 2007, p. 37).

É muito importante que o professor esteja atento as imagens que fazem parte do universo da criança e traze-las para sala de aula, com o intuito de mostrar que a arte esta próxima dela e presente diariamente em seu dia a dia. Trazer imagens que vão além de obra de arte, é fundamental na ampliação da cultura visual do educando. Cunha (2014) afirma que se ficarmos restritos a imagens de obra de arte, o ensino da Arte pode ficar atribuindo apenas a uma disciplina histórica e não como uma disciplina que também propõem a formação humana. É necessário “termos visões sobre nós mesmos e sobre o universo visual em que estamos imersos” (HERNÁNDEZ, 2007, p. 51).

Quando o professor é também um pesquisador se torna um crítico de imagens estereotipadas e conseqüentemente não reproduzirá isso na sua prática

docente. O professor de Arte dos anos iniciais é sem dúvida o que mais se depara com esse grande desafio, de se impor diante dos pedidos, que infelizmente que ainda acontecem, de fazer lembrancinhas, reproduzirem imagens de personagens estereotipados, de trazer datas comemorativas para sua prática sem nenhum contexto apenas para atender um pedido da gestão da escola. Por isso, é muito importante que o professor reconheça a Arte como conhecimento e saiba o quanto ela é importante no contexto da educação.

Sendo assim, cada criança tem um desenvolvimento diferente, pois o mesmo ocorre de acordo com o meio que ela se encontra. As faixas etárias das crianças são entre seis e dez anos de idade, elas se encontram num mundo de ludicidade, de muitas vezes não ter paciência de esperar, de querer tudo na hora e de fazer tudo tão rápido.

Além do desenvolvimento da imaginação criadora e da percepção, destaca-se como questão de importante reflexão a possibilidade de o professor contribuir afetiva e cognitivamente para o desenvolvimento da expressão da criança (BUORO, 2003, p. 33).

Partindo dessa ideia de desenvolvimento o professor tem o papel muito importante, onde ele deve observar na criança o que ela está aprendendo e no que ela já aprendeu, tendo assim relações com a interação, compartilhamento, pensamento e linguagem.

## 7 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo será apresentado a coleta de dados, referente ao assunto abordado nos capítulos decorridos. Para melhor compreensão, vale ressaltar o problema principal, ao qual provocou minha inquietação em saber como os professores lidam com os estereótipos em sala de aula.

Para compor esta pesquisa foram entrevistas com quatro professores da rede pública de ensino, estadual e municipal, que atuam com turmas de Ensino Fundamental ao Ensino Médio, porém meu foco será em torno do Ensino Fundamental I, no município de Sombrio/SC. Todos possuem formação em Arte, sendo que três são efetivos na rede e um em contrato temporário. Para contemplar a pesquisa foram realizadas cinco perguntas que serão descritas ao longo da apresentação. De acordo com o Termo de Autorização do Uso de Imagem, Fala e Escrita (ANEXO A), três professoras autorizaram o uso de seus próprios nomes: Carine, Karine, Kênia F. Teixeira, e um professor antepôs que autodenominasse como Professor Edilson.

As respostas serão analisadas à luz de: Hernández (2007/2014); Cunha (2014). Sendo assim, descrevo a baixo as perguntas<sup>6</sup> juntamente com as respostas<sup>7</sup> dos professores interrogados.

Na primeira pergunta foi questionado: **De que forma você percebe atividades, imagens, metodologias, etc, dentro do espaço escolar que contribuem para a não construção de estereótipos na formação do aluno?**

Carine relata que *“Percebo quando há generalização seja de preferências, características, comportamento... Quando se impõe determinados modelos, padrões... Quando se rotula à partir do pré-julgamento não valorizando as qualidades individuais... Tais estereótipos influenciam na formação do aluno e muitos os acompanham durante toda a vida”*.

Karine diz *“As atividades dentro do espaço escolar contribui para a formação do aluno não apenas de forma pessoal, e sim sentimental e cultural de cada um.”*

---

<sup>6</sup> Tais perguntas estarão em negrito, para melhor visualização.

<sup>7</sup> As respostas serão descritas conforme sua originalidade, e estarão em itálico para desigualar do restante do texto.

Kênia ressalta *“Percebo a partir de painéis decorativos, das capas de caderno, de desenhos xerocados, é muito forte a influência dos desenhos das capas de cadernos. As marcas presentes em produtos industrializados, roupa e tênis”*.

Professor Edilson salienta *“O professor de Artes ainda é visto como um profissional de disciplina obsoleta. Sua participação em conselho de classe tem caráter meramente figurativo e, na maioria das vezes, suas aulas são consideradas “momentos recreativos”*.

Diante das respostas relembremos Hernández (2007), quando enfatiza que estamos imersos dentro de um contexto em que vivemos, por isso se faz muito importante que o professor perceba a forte influência da mídia no gosto e comportamento das crianças e sempre proponha momentos de contemplação e leitura das imagens contribuindo assim para a quebra dos estereótipos que fazem parte do mundo infantil.

Na segunda pergunta: **Em sua disciplina, você já teve solicitações para a confecção de algum tipo de material (por exemplos lembrancinhas), ou foi solicitado a trabalhar tema que fosse referente a datas comemorativas? Como você procede diante desse tipo de solicitação?**

Carine descreve *“Sim, diversas vezes o professor de Artes é solicitado a fazer painéis decorativos ou comemorativos. Me coloco a disposição a ajudar se os outros professores também ajudarem. Me posiciono como professora igual a todos e explico que talvez outro professor (por exemplo o pedagogo) pode ter mais habilidade em fazer painel comemorativo, já que não faz parte dos conteúdos abordados em Artes. Caso todos colaborem, colaboro também”*.

Karine fala que *“Na disciplina de Artes, já fui solicitada e mencionada para confecção de lembranças e datas comemorativas. Também participamos de projetos com outras disciplinas”*.

Kênia relata que *“Como me formei inicialmente no magistério, várias vezes me solicitaram a confecção de lembrancinhas, painéis e atividades referentes a datas comemorativas, durante os primeiros anos de atuação não resistia aos pedidos. Hoje atribuo a confecção destes materiais a professora titular de turma”*.

Professor Edilson comenta *“Sim, dependendo de minha disponibilidade, ajudo. Mas sempre deixando claro que estou colaborando dentro de minhas prerrogativas como membro do corpo docente, e não por contingência da função”*.

Analisando as respostas aqui apresentadas me aparam em Cunha (2014), que aponta o quanto às imagens midiáticas estão fortemente presentes no espaço físico e conseqüentemente no espaço imaginário da criança. Quando, segundo relato dos professores entrevistados, existe ainda a confecção de lembrancinhas e ainda se dá importância a datas comemorativas, mais até que ponto a criança se identifica com as imagens mostradas? Há uma preocupação com a identidade das crianças? É importante dentro de um contexto escolar que tudo isso seja analisado e enfim mostrado nas imagens que as crianças se sintam representadas dentro do contexto escolar.

Continuando com as questões, apresento a terceira pergunta: **Você enquanto professor percebeu que também tinha ou tem estereótipos estabelecidos na sua construção de educadora?**

Carine ressalta *“Constantemente me deparo com estereótipos que eu também tinha e que aos poucos foram e vão se desconstruindo. Minha formação não começou na faculdade, mas lá nos anos 80, quando ingressei na escola. Nesta época os desenhos, imagens, pinturas tinham determinados padrões. Se não pintasse a árvore de verde (por exemplo) estava errado”*.

Karine diz que *“Na minha construção de educadora percebi sim os estereótipos de cada profissional, assim como encontramos nos alunos”*.

Kênia fala *“Sim, tinha e tem inúmeros estereótipos. Convivemos diariamente com o excesso de imagens estereotipadas”*.

Professor Edilson comenta *“Não, busco sempre quebrar tais estereótipos, questionando os estabelecidos e não dando espaço às iniciativas de estabelecê-los”*.

Percebemos aqui o quanto foi forte na formação dos professores a presença dos estereótipos no dia a dia externo e dentro do ambiente escolar, quando Carine afirma que as pinturas tinham determinados padrões. Isso nos remete a Hernández (2007), que salienta a importância da cultura visual “por ocupar uma parte significativa da experiência cotidiana das pessoas [...]” (p. 41).

Diante disso percebemos que é uma luta diária não reproduzir determinadas ações que remetem a padrões, pois conforme destaca a professora Kênia *“convivemos diariamente com o excesso de imagens estereotipadas”*.

Analisando a quarta pergunta: **Em suas metodologias como você procura trabalhar tomando cuidado para não criar estereótipos no processo de criação do aluno?**

Carine relata *“Incentivando a refletirem e olharem além dos rótulos ligados a aparência, superar os preconceitos e perceber oportunidades e possibilidades sem as limitações impostas, evidenciando suas próprias expressividades em suas representações. Esse exercício é constante em todas as aulas, para que talvez o aluno se sensibilize despertando um novo olhar superando alguns estereótipos de que a arte deve ser decorativa, “bonitinha”... compreendendo a arte como possibilidade inventiva”*.

Karine fala que *“Metodologia usada, deixando o aluno usar seu poder de imaginação, desenvolver seu processo criativo, respeitando cada ideia de criação produzida”*.

Kênia descreve *“Chamo minha metodologia de “metodologia do contrário”. Muitas vezes trabalho primeiro a atividade, apresentada de forma verbal, quando os alunos terminam apresento as imagens, e técnicas e artistas. Permito que meu aluno seja livre em sua criação”*.

Professor Edilson comenta que *“Percebendo primeiramente o potencial criativo de cada aluno, aplicando o conteúdo da base curricular do município, desmistificando o conceito e equivocado de artes como “aula recreativa”, etc...”*.

Percebemos nas respostas que há um exercício diário por parte dos professores analisados no trabalho de sensibilização do olhar do aluno na superação de pré-conceito em relação à imagem. Como já mencionado anteriormente por um dos entrevistados o excesso de informação visual torna o exercício de sensibilização do olhar diário.

Atualmente, os modos como são utilizadas as imagens nos contextos de educação infantil são múltiplos, e servem, muitas vezes, para ditar comportamentos, cuidar, controlar, ouvir e até definir as identidades de gêneros das crianças (CUNHA, 2014, p. 205).

Hernández (2007), destaca que para que essa sensibilização aconteça é necessário que o professor perceba se a imagem faz parte da cultura visual emergente do aluno, para que seja relevante e desperte o interesse dos alunos.

Na quinta e última pergunta, no qual questiono: **Em relação ao ensino de arte, o que você pensa sobre o docente, ele precisa ter formação ou outro professor sem formação na área, tem capacidade para lecionar a disciplina de artes?**

Carine fala *“Assim como todos os outros componentes curriculares, é muito importante que o profissional seja habilitado em sua área de atuação. Embora ainda haja desvalorização deste componente curricular, compete a nós “professores*



*habilitados” em Arte, valorizar, lutar, resistir e mostrar que para além das produções práticas artes também é cultura, conhecimento, etc”.*

Karine diz *“O docente tem que ser formado na área tendo conhecimento sobre as artes visuais propostas pelos alunos de ensino de cada escola”.*

Kênia comenta *“Penso que o docente tem que ter habilitação plena em Artes, dominar os conhecimentos básicos. Não concordo com a contratação de docentes com notório saber. Já presenciei situações em que professores de outras áreas trabalharam a disciplina de Artes, eles apresentavam dificuldades”.*

Professor Edilson se refere que *“Não há dúvidas que deve haver formação na área. As várias linguagens artísticas demandam formação e experiência que não podem ser apenas teóricas.”.*

Diante das respostas vimos como o professor valoriza a sua habilitação, percebe que há uma necessidade de ter conhecimento artístico e o quanto isso é importante para que a disciplina tenha seu real papel como componente curricular, inclusive a professora Kênia relata a dificuldade que o professor de outra disciplina teve ao assumir a disciplina de Arte. Isso remete a fala de Hernández (2007, p. 88), que ressalta que o professor deve *“propiciar experiências de aprendizagem sobre e a partir da cultura visual, a partir de uma abordagem crítica e performativa, é mais que uma estratégia de ensino e aprendizagem”.* Saliendo esta afirmação percebemos que um professor habilitado em Arte, sem dúvida, possui muito mais discernimento diante o ensino e tem propriedade para trazer para sala de aula experiências, ao qual o aluno tenha possibilidade de perceber sua subjetividade e ter um conhecimento crítico.

## 8 PROJETO DE CURSO: ESTEREÓTIPOS PRESENTES NA DISCIPLINA DE ARTES: PROFESSOR/PESQUISADOR EM MEIO A DESCONSTRUÇÃO DOS ESTEREÓTIPOS

### 8.1 TEMA

Estereótipos: Um olhar sensível sobre a desconstrução nas aulas de Artes.

### 8.2 JUSTIFICATIVA

Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de graduação em Artes Visuais<sup>8</sup>, ao qual se ressalta o art. 8º, “Trabalho de Curso é componente curricular obrigatório” (p.2), onde aderindo a pesquisa, deverá executar o licenciado: “a) uma monografia sobre um tema das Artes Visuais; b) um projeto de curso a ser ministrado sobre esse tema; c) apresentação a uma banca examinadora composta por professores e profissionais da área, nos termos de regulamento próprio” (p.3).

Portanto, diante do projeto de curso, se ressalta através dos dados ponderados estruturados à ênfase ao teórico referente principiado pela seguinte problemática: Os estereótipos presentes nas aulas levadas por meio da mediação de professores da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, de que modo interferem no processo criativo das crianças?

Tendo como objetivo refletir sobre a desconstrução dos estereótipos na disciplina de Artes, propiciando experiências através de conversas sobre o mesmo, e partilhando e ampliando o repertório artístico/cultural/visual, fazendo com que o professor seja um professor/pesquisador.

Durante minha trajetória na graduação de Licenciatura em Artes Visuais, percebi o quanto os estereótipos foram presentes em minha caminhada escolar, principalmente nas disciplinas de estágios obrigatórios, vivenciei como os estereótipos ainda estão tão vivos nas aulas de Artes. Perante a essa inquietação, minha pesquisa de trabalho de conclusão de curso, foi pensada em uma proposta de

---

<sup>8</sup> BRASIL. Resolução Nº1, de 16 de Janeiro de 2009. Ministério da Educação – Conselho Nacional de Educação – Câmara de Educação Superior. **DCN**: Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Artes Visuais. Brasília, DF. Disponível em: <[http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001\\_09.pdf](http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/2009/rces001_09.pdf)> . Acesso em: 19 de outubro de 2015 às 20h46min.

pesquisa em campo, ao qual foi realizada no município de Sombrio/SC, com quatro professores de Artes que atuam com Ensino Fundamental (anos iniciais), na rede de ensino municipal e estadual, um questionário contendo cinco perguntas em relação a minha problemática do trabalho, ao qual os levam a pensar sobre os estereótipos em sala de aula.

Diante das respostas, coletadas para essa pesquisa percebi como os professores entrevistados são perseverantes à desconstrução dos estereótipos, e como é importante o professor ter formação na área, ou seja, ser formado em Artes para propor a seus alunos metodologias que contribuam para seu conhecimento, e torná-lo um sujeito crítico e subjetivo. Conforme relata Melo (2001):

O ensino da arte, atuando no processo de aprendizagem e desenvolvimento da criança, propicia a compreensão de sua história enquanto ser humano, além de possibilitar a construção da autonomia, da cooperação, do senso crítico, da criatividade, da responsabilidade, enfim, contribui para o exercício da cidadania (p.58).<sup>9</sup>

Entretanto, foi analisado o quanto os estereótipos estão presentes no âmbito escolar, e como a disciplina de Artes é vista como uma mera atividade recreativa, sem conhecimento e importância para o repertório dos alunos. Perante a essa ideia sobre o ensino de Arte, vale ressaltar que o educador deve estar sempre atualizado em meio à sociedade que está sempre em transformação, sendo um professor/pesquisador.

Um professor/educador mediador-provocador é aquele que se apropria de suas experiências como desafio, transformando-as em movimentos de resignificações. É aquele que além de ser professor/educador é também um sujeito que cria. É aquele que percorre outras instâncias, outras áreas de conhecimento, outras funções e papéis, como: pesquisador, crítico, sensível, colaborativo, entre outros (PILLOTTO, STAMM, 2007, apud, PILLOTTO; MOGNOL, 2015, p. 209).<sup>10</sup>

O professor deve levar para sala de aula propostas que elevem a criação das crianças, deixando elas livres de moldes e modelos prontos e principalmente aderindo à produção de arte como perfeição, mas sim instigá-las a experimentações como misturas de materiais, proporcionar conhecimento sobre a leitura visual

---

<sup>9</sup> MELO, Christianne Pereira Oliveira. O papel do mediador do professor no processo de ensino-aprendizagem da arte na educação infantil. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAM, Marilene de Lima Körting. **REFLEXÕES SOBRE O ENSINO DAS ARTES**. Joinville Sc: Univille, 2001. p. 46-63.

<sup>10</sup> PILLOTTO, Sílvia Seel Duarte; MOGNOL, Leticia Coneglian. A ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **ARTE, EDUCAÇÃO E CULTURA**. 2. ed. Santa Maria: Ufsm, 2015. p. 199-214.

cultural das imagens e objetos que os rodeiam, fazer pensar, imaginar, refletir e criar sendo um sujeito crítico perante a sociedade. Nas palavras de Almeida (2004)<sup>11</sup>:

O ensino de artes tem, portanto, uma dupla face. Por um lado, é conservador - no sentido de preservar, reter, resguardar: quem ensina, ensina algo que aprendeu com alguém, que também aprender e dominar os conhecimentos artísticos; por outro, requer e impulsiona mudanças, a transformação, o novo. Por isso, ensinar faz parte de um processo que nos remete ao passado e ao futuro, à eternidade (p.16).

Em meio a essas percepções, proponho uma proposta de curso com o intuito de oportunizar os professores de Artes, principalmente os professores que contribuíram para a pesquisa de dados, uma melhor compreensão sobre os estereótipos e as possíveis possibilidades da desconstrução do mesmo no espaço escolar.

### 8.3 EMENTA

Ensino da Arte e os estereótipos; Reflexão sobre metodologia e a possibilidade da desconstrução de estereótipos na disciplina de Artes; trocas de experiências através de conversas e produções de propostas de aulas.

### 8.4 CARGA HORÁRIA

16 horas/aulas

### 8.5 PÚBLICO ALVO

Professores de Artes e educadores interessados na área das artes, dando prioridade para os professores que participaram da pesquisa do curso do município de Sombrio/SC, com um limite de 20 vagas.

### 8.6 OBJETIVOS

#### 8.6.1 Objetivo Geral

---

<sup>11</sup> ALMEIDA, Célia Maria de Castro. CONCEPÇÕES E PRÁTICAS ARTÍSTICAS NA ESCOLA. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ENSINO DAS ARTES: CONSTRUINDO CAMINHOS**. 3. ed. Campina Sp: Papyrus, 2004. Cap. 1. p. 11-38.

Proporcionar aos professores, reflexões e experiências artístico-visuais/visuais/culturais interligando com as múltiplas linguagens, salientando a viabilidade da desconstrução dos estereótipos no espaço escolar, de modo a aguçar e valorizar a educação na formação do professor em Artes.

### 8.6.2 Objetivos Específicos

- Contextualizar os estereótipos presente em sala de aula, na disciplina de Artes, a partir de autores específicos;
- Refletir sobre as múltiplas linguagens, proporcionando a valorização da disciplina de Artes como uma área de conhecimento;
- Ampliar o repertório artístico/visual/cultural, com reflexões dos diálogos e inquietações durante o curso.
- Oportunizar experiências na construção de planos de aulas, dando ênfase a desconstrução dos estereótipos no âmbito escolar;

### 8.7 METODOLOGIA

ENCONTROS	HORÁRIO	CARGA HORÁRIA	PROPOSIÇÕES
1º	13h às 17h	4h/a	Os participantes receberão uma folha com a seguinte pergunta- o que são estereótipos? Após todos responderem, será apresentado em slide uma pequena contextualização sobre- O que é estereótipo? Como desconstruir tais estereótipos em sala de aula? "Com a presença das escritas de autores como: Walter Lippmann (2008), Anamelia Bueno Buoro (2003), Tatiana Fechchio Gonçalves; Adriana Rodrigues Dias (2010), Susana Rangel Vieira da Cunha

			(2014),Fernando Hernández (2000;2007).”. Em seguida, será feito uma roda de conversa sobre as reflexões dos autores apresentados, interligando com as respostas da pergunta que a turma descreveu no início da proposta do curso.
2º	13h às 17h	4h/a	Nesse encontro os integrantes terão acesso ao livro de Ana Tatit; Maria Silvia M. Machado “ 300 propostas de artes visuais” <sup>12</sup> . A turma irá ser dividida entre quatro grupos com cinco pessoas cada, onde será proposto que cada grupo escolherá uma ideia de plano de aula e pensando na desconstrução dos estereótipos, utilizando as variadas linguagens das artes, assim elaborando uma proposta de aula, para ser realizada com o restante da turma.
3º	13h às 17h	4h/a	Cada grupo apresentará seu plano de aula aos demais, e em seguida colocarão em prática. Continuação da prática das propostas de aula.
4º	13h às 17h	4h/a	Concluindo o curso com um debate sobre as experiências propostas durante as aulas.

---

<sup>12</sup> TATIT, Ana; SILVIA, Machado. **300 propostas de artes visuais**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2003, p.283.

## 9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acredito que em meio a minha inquietação sobre os estereótipos presentes na disciplina de Artes, me fez pensar, refletir e pesquisar através de leituras, documentos norteadores e autores, um novo olhar sobre a importância do ensino da Arte, principalmente para os anos iniciais do Ensino Fundamental, pois é nesse primeiro contato que o professor (a), precisa instigar as crianças a ter percepção, autonomia, criatividade e principalmente subjetividade.

Percebe-se que nossa cultura escolar se mostra “engessada”, diante a realidade do cotidiano, e é tão invisível a multiculturalidade no universo infantil. Por isso, se tem consideração a importância da formação do professor em Artes Visuais, tendo assim um repertório amplo de conhecimento artístico/cultural. O estudo em que se tem diante as linguagens que a arte proporciona, o professor poderá partilhar com as crianças, experiências ao qual contribuirá para formação de sujeitos críticos. Autores como Cunha (2014), e Hernández (2007; 2014), contribuíram para a compreensão sobre a cultura visual e sua conexão com as artes. Santaella (2001), Gil (1996), Almeida (2004), Tatit e Machado (2003), Pillotto e Mognol (2015), Lippmann (2008), Buoro (2003), Ferreira e Silvia (2004) e entre outros autores, colaboraram para minha pesquisa, ao qual se teve como questão problema: De que forma os estereótipos presentes nas aulas levadas por meio da mediação de professores da disciplina de Artes nos anos iniciais do Ensino Fundamental, interferem no processo criativo das crianças? Entre leituras e escritas, pude responder as perguntas que nortearam a pesquisa e conseqüentemente acredito que poderá servir de estudo as futuras pesquisas que irão ter como indagação o estereótipo como objeto de pesquisa.

Pensando no professor/pesquisador perante o seu ensino sobre a Arte, Buoro (2003) ressalta “Nossa visão de ensino de Arte não contempla nem um ensino dirigido e estruturado sobre modelos prontos, nem a liberdade completa do aluno, sem nenhuma ação do professor. Na realidade de ensino em que trabalhamos, a maneira de ensinar Arte liga-se diretamente à visão de Arte como linguagem, formada de elementos próprios, que estruturam seu discurso” (p. 148). Entretanto sabemos que a realidade escolar sofre diariamente, com as práticas pedagógicas

padronizadas que, no entanto bloqueiam o aluno de pensar, refletir, criar e principalmente ser crítico.

Os relatos das entrevistas contribuíram de forma coerente em relação as minhas inquietações diante de como saber lidar com os estereótipos na disciplina de Arte nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Mas infelizmente é uma luta diária, descrevem os professores que participaram, porém percebi um orgulho imenso de serem professores de Artes.

Observa-se também que a escola tem muita influência para que os estereótipos estejam presentes na vida das crianças, por meios de pedagogias que bloqueiam em suas criações como criança em formação.

A criança precisa de um ensino ao qual a permita ter experiência, contato com o novo, instigá-la a imaginação e a criatividade, sem interferências de práticas que trazem a cópia e imitação como forma de criação.

Em meio à pesquisa e a coleta de dados, propus um projeto de curso, diante as possibilidades da desconstrução dos estereótipos na disciplina de Arte, nos anos iniciais, tendo como público alvo os professores da área, juntamente com leituras de autores que auxiliarão na proposta.

Esta pesquisa me fez refletir sobre os futuros desafios que irei enfrentar como Professora de Arte, mas acredito que durante meu percurso entre os quatros anos de formação, tive a oportunidade de ter como professores grandes mestres da educação, e tanto nas salas de aula quanto nos ateliês, obtive experiências construtivas para minha formação, formação ao qual presumo a essa pesquisa de conclusão de curso como não um fim dos estudos, mas sim um começo para uma formação continuada na educação como uma professora/pesquisadora em Artes.



## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Célia Maria de Castro. Concepções e práticas artísticas na escola. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3. ed. Campina Sp: Papyrus, 2004. Cap. 1. p. 11-38.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular – Educação é a Base, 2017**. Disponível em: [http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC\\_EI\\_EF\\_110518\\_versaofinal\\_sit e.pdf](http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_sit e.pdf): 10 nov. 2019.

CUNHA, Susana Rangel Vieira da. Imagens na educação infantil como pedagogias culturais. In: MARTINS, Raimundo; TOURINHO, Irene (Org.). **Pedagogias culturais**. Santa Maria: Ufsm, 2014. p. 199-224.

BUORO, Anamelia Bueno. **O olhar em construção: uma experiência de ensino e aprendizagem da arte na escola**. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2003. 160 p.

\_\_\_\_\_. **Olhos que pintam: a leitura da imagem e o ensino da arte**. São Paulo: EDUC, 2002. 252 p.

FALLGATER, Ketleen Viviane. O desenho motivado pela leitura de imagens. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAM, Marilene de Lima Körting (Org.). **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville Sc: Univille, 2001. Cap. 1. p. 64-79.

FERREIRA, Sueli; SILVA, Sílvia Maria Cintra da. "Faz o chão pra ela não ficar voando": o desenho na sala de aula. In: FERREIRA, Sueli (Org.). **O ensino das artes: construindo caminhos**. 3. ed. Campina Sp: Papyrus, 2004. Cap. 1. p. 139-180.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3.ed. São Paulo: Atlas, 1996. 159 p.

GONÇALVES, Tatiana Fechchio; DIAS, Adriana Rodrigues. **Entre linhas, formas e cores: Arte na escola**. 1.ed. São Paulo: Papyrus, 2010. 176 p.

HERNÁNDEZ, F. **Catadores da cultura visual: proposta para uma nova narrativa educacional**. Porto Alegre: Mediação, 2007. 127 p.

HERNÁNDEZ, F. **Cultura visual, mudança educativa e projeto de trabalho**. Porto Alegre: ArTmed 2000. xiii, 261 p.

MELO, Christianne Pereira Oliveira. O papel do mediador do professor no processo de ensino-aprendizagem da arte na educação infantil. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAM, Marilene de Lima Körting. **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville Sc: Univille, 2001. p. 46-63.

LAROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. 2002. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n19/n19a02.pdf>>. Acesso em: 19 out. 2019.

LIPPMANN, W. **Opinião pública**. Tradução e prefácio de Jacques A. Wainberg. Petrópolis: Vozes, 2008.

OTT, Robert William. Ensinando crítica nos museus. In: BARBOSA, Ana Mae (Org.). **Arte-educação: leitura no subsolo**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1999. p. 113-141.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. A cartografia como método de pesquisa-intervenção. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virginia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, 2015. p. 17-31.

PILLOTTO, Silvia Seel Duarte. Epistemologia no ensino-aprendizagem da arte:: uma questão de reflexão. In: PILLOTTO, Sílvia Sell Duarte; SCHRAM, Marilene de Lima Körting (Org.). **Reflexões sobre o ensino das artes**. Joinville Sc: Univille, 2001. Cap. 1. p. 08-17.


PILLOTTO, Silvia Seel Duarte; MOGNOL, Letícia Coneglian. A arte no contexto da educação infantil. In: OLIVEIRA, Marilda Oliveira de (Org.). **Arte, educação e cultura**. 2. ed. Santa Maria: Ufsm, 2015. p. 199-214.

SANTAELLA, Lucia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. 1ª ed. São Paulo: Hacker, 2001. 215 p.

TATIT, Ana; SILVIA, Machado. **300 propostas de artes visuais**. 1 ed. São Paulo: Loyola, 2003, p. 283.

## APÉNDICE

APÊNDICE A – Questionário Para A Pesquisa Em Campo

	<p><b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE- UNESC</b> <b>PRÓ-REITORIA ACADÊMICA  DIRETORIA DE ENSINO DE GRADUAÇÃO</b> <b>CURSO DE ARTES VISUAIS- LICENCIATURA</b></p>
---	--

Questionário para a pesquisa de campo com professores da disciplina de Artes do Ensino Fundamental I, do município de Sombrio-SC

1. De que forma você percebe atividades, imagens, metodologias, etc, dentro do espaço escolar que contribui para a não construção de estereótipos na formação do aluno?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

2. Em sua disciplina, você já teve solicitações para a confecção de algum tipo de material (por exemplos lembrancinhas), ou foi solicitado a trabalhar tema que fosse referente a datas comemorativas? Como você procede diante desse tipo de solicitação?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

3. Você enquanto professor percebeu que também tinha ou tem estereótipos estabelecidos na sua construção de educadora?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

4. Em suas metodologias como você procura trabalhar tomando cuidado para não criar estereótipos no processo de criação do aluno?

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

5. Em relação ao ensino de arte, o que você pensa sobre o docente, ele precisa ter formação ou outro professor sem formação na área, tem capacidade para lecionar a disciplina de artes?

---

---


---

---

---

**ANEXO**

## ANEXO A – Autorização Do Uso De Imagem, Fala e Escrita

	<p><b>UNIVERSIDADE DO EXTREMO SUL CATARINENSE – UNESC</b>  <b>UNIDADE ACADÊMICA DE HUMANIDADES, CIÊNCIAS E EDUCAÇÃO</b>  <b>CURSO DE ARTES VISUAIS – Licenciatura</b></p>
---	---

**AUTORIZAÇÃO DO USO DE IMAGEM, FALA E ESCRITA.**

Eu, (NOME), \_\_\_\_\_ (ESTADO CIVIL),  
 \_\_\_\_\_ (PROFISSÃO), \_\_\_\_\_ portador(a) da  
 carteira de identidade nº (NÚMERO), \_\_\_\_\_ expedida pelo (ÓRGÃO  
 EXPEDIDOR), \_\_\_\_\_ inscrito(a) no CPF sob o nº  
 (NÚMERO) \_\_\_\_\_, residente e domiciliado(a) no (ENDEREÇO),  
 \_\_\_\_\_

autorizo, de forma expressa, o uso e a reprodução de minha imagem, do som da  
 minha voz, sem qualquer ônus, em favor da pesquisa do acadêmica Camila  
 Florentino Nunes do Curso de Artes Visuais da UNESC sob orientação do Prof.  
 Izabel Cristina Marcílio Duarte para que o mesmo os disponibilize como dados da  
 pesquisa de campo em seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Por esta ser a expressão da minha vontade, declaro que autorizo o uso acima  
 descrito sem que nada haja a ser reclamado a qualquer título que seja sobre direitos  
 à minha imagem, conexos ou a qualquer outro.

Local e data: \_\_\_\_\_

Assinatura: \_\_\_\_\_

Identificação na pesquisa:

Destaque abaixo o nome que gostaria de ser identificado na pesquisa

\_\_\_\_\_